

D(e)scolar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas

Take off home: contemporary dilemmas for crew members couples

Despegar de casa: conflitos contemporâneos de parejas de aeronautas

*Bernardo Jablonski**

*Marília Saldanha da Silva***

Resumo

Este estudo examina a questão de gênero na divisão de tarefas domésticas e responsabilidades familiares entre membros de casais de aeronautas (comissários e pilotos). Homens e mulheres se veem divididos diante de propostas igualitárias de relacionamento, em contraposição a práticas mais tradicionais. A lacuna deixada pelas mulheres na vida privada, com sua entrada maciça no mercado de trabalho, não foi ocupada por outros, senão por elas próprias, para poder conciliar família e profissão. Foi possível perceber que, nos quatro casais de aeronautas entrevistados, as mulheres despendem mais tempo com o trabalho doméstico e com as responsabilidades familiares do que seus maridos, produzindo, com isso, um cenário desfavorável para a ascensão profissional das mulheres e para um maior envolvimento dos homens com a vida familiar.

Palavras-chave: divisão de tarefas domésticas; aeronautas; papéis de gênero.

Abstract

The main subject of this study is the gender issue in the division of housework and child care between spouses who work as crew members in civil aviation. This study reports an investigation of the relationships of nonstandard work schedules and family balance. Women and men are confronted with an egalitarian social discourse and traditional patterns of behavior. Women started working outside the home dealing with multiple roles to balance housework and career. Interviews with four couples were made and the results were that these women still do much more routine housework than their husbands. The gender segregation of tasks associated with the

* *In memoriam*. Ex-professor do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro-RJ.

** Mestra em Psicologia pela PUC-RJ, colaboradora do Grupo de Pesquisa de Relações de Gênero na PUC-RS, psicóloga e psicoterapeuta.

traditional gender ideologies contribute to difficult women to grow in their careers as well as the father's role to expand.

Keywords: divisions of housework; crew members; gender relations.

Resumen

El presente trabajo examina la question de género en la división de tareas domésticas y responsabilidades familiares entre miembros de parejas de profesionales azafatas/comisários y pilotos. Hombres y mujeres se encuentran divididos frente a propuestas igualitárias de relación en contraposición a las prácticas más tradicionales. El espacio vacío dejado por las mujeres en la vida privada, con su entrada en el mercado laboral, no fue ocupado por otros, sino por ellas mismas, para poder conciliar familia y profesión. Según las entrevistas con cuatro parejas de aeronautas, las mujeres entrevistadas dedican más tiempo a las tareas domésticas y responsabilidades familiares que sus maridos, produciendo com esto un escenario desfavorable a la ascención profesional de las mujeres y para una mayor responsabilidad de los hombres con la vida familiar.

Palabras clave: división de tareas domésticas; aeronautas; papeles de género.

Diversos teóricos das ciências sociais e humanas têm se debruçado sobre a temática da divisão de tarefas domésticas e das responsabilidades familiares, dentro e fora do Brasil. Esse tema traz para o cenário acadêmico não somente a relação entre homens e mulheres na contemporaneidade como também ajuda a direcionar holofotes para a vida privada, mais especificamente para a vida doméstica, cotidiana, na qual a tessitura dos relacionamentos humanos se desenvolve primordialmente.

É bastante intrincada a questão da administração do dia a dia hoje para os casais com filhos em famílias nucleares, nos centros urbanos. Homens e mulheres trabalham cada vez mais em horário integral e se veem divididos diante de propostas igualitárias de relacionamento, em contraposição às práticas tradicionais que sobrecarregam as mulheres com a maior responsabilidade pelo que acontece na esfera doméstica. Parece que a transformação das mentalidades nas relações de gênero, no que tange especificamente às divisões de tarefas domésticas, não tem sido suficiente para eliminar substancialmente as diferenças existentes. A lacuna deixada pelas mulheres na vida privada, com sua entrada maciça no mercado de trabalho, não foi ocupada por outros

senão por elas próprias, que se dividiram e se multiplicaram em muitas para poder conciliar família e profissão. Esse fenômeno caracteriza a dupla jornada feminina de trabalho, tanto no contexto brasileiro quanto no internacional, como será ilustrado a seguir.

Assim, por exemplo, com base na análise dos dados da pesquisa do IBGE, Soares e Saboia (2007) chegaram à conclusão de que, na sociedade brasileira, as tarefas domésticas ainda constituem uma atribuição das mulheres, mesmo que se tenha observado um pequeno aumento da participação masculina, principalmente entre os mais velhos; além disso, a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho não as isentou nem reduziu a jornada com os afazeres domésticos. Da mesma forma, a intensidade do trabalho doméstico é ainda mais elevada em mulheres em idade produtiva e com filhos pequenos. Para essas autoras, o somatório do trabalho semanal da mulher com a casa, com os filhos e no mercado supera em até quase cinco horas a carga horária dos homens. Outros estudos (Araújo & Scalon, 2005; Jablonski, 2010; Rocha-Coutinho, 2007 e 2009) chegaram às mesmas conclusões, o que corrobora a construção da ideia de que as tarefas do lar permanecem como eminentemente femininas.

Da mesma forma, o cenário internacional apresenta pesquisas que trazem resultados similares. Aguirre *et al.* (2005), ao relacionarem o tempo dedicado ao trabalho mercantil e o destinado ao trabalho familiar doméstico em Barcelona, constataram que as mulheres em todos os grupos de idade dedicam mais tempo ao trabalho doméstico que os homens. Mas é na faixa dos 30 anos que as diferenças se acentuam, quando homens e mulheres se encontram mais envolvidos com suas atividades profissionais; nesse período, igualmente, muitas mulheres já se encontram casadas e com filhos pequenos. Pesquisas realizadas entre 1989 e 1999 (Coltrane, 2001) têm apontado que a dupla jornada de trabalho feminina, efeito dessa divisão desigual, tem incrementado a insatisfação marital e a depressão nas mulheres, além de se constituir num empecilho para seu desenvolvimento profissional. Cooke e Baxter (2010), em recente revisão das pesquisas nas sociedades ocidentais, reportam o mesmo padrão de divisão desigual de tarefas domésticas intergênero, em que pese alguns avanços em direção à igualdade, fruto das consequências do movimento da emancipação feminina (aumento de ganhos, incremento educacional, pequenas mudanças ideológicas).

O fato é que as pesquisas apontam para um fenômeno que se confirma dentro e fora do Brasil: as mulheres ainda são consideradas as maiores responsáveis pela administração do lar e despendem mais horas com essas atividades do que os homens, mesmo quando participam efetivamente do mercado de trabalho

(Araújo & Scalon, 2005; Bianchi, Robinson & Milkie, 2006; IBGE, 2005). Guardadas as variações e particularidades de uma pesquisa e outra, e o fato de que os homens aumentaram um pouco sua participação na vida privada, essa mudança ainda é considerada pequena para alterar as desigualdades de gênero existentes. Em suma, a dupla jornada é o símbolo, como afirma François de Singly (2007), da manutenção da atribuição das mulheres à esfera doméstica.

Há uma tentativa de coordenar o mundo doméstico com suas tarefas de natureza circular, rotineira e interminável, e cujas demandas não podem ser postergadas por muito tempo, com a vida pessoal, conjugal, profissional e também com o exercício da parentalidade. Esse desafio que os casais enfrentam diariamente se torna ainda mais complexo ao se adicionar o fato de que os papéis de gênero estão em plena transição e, em consequência, menos claramente delimitados. As barreiras que separavam os territórios de ação dos homens, de um lado, e das mulheres, do outro, foram derrubadas pelo movimento feminista. Desde então, ambos vêm aprendendo a circular nesses domínios de competência do doméstico (os homens menos) e do público (as mulheres mais), enfrentando obstáculos de várias ordens: sobrecarga de trabalho, estresse, busca pelo sucesso e tempo pulverizado pelo cotidiano assoberbado de atividades dentro e fora de casa (especialmente as mulheres). Tais mudanças, como afirma Araújo (2009, p. 10),

Não acontecem de forma tranquila e sem resistências, pois o reordenamento igualitário de papéis, posições e relações, envolve um enfrentamento diário de conflitos e contradições visíveis na reprodução e cristalização de práticas desiguais, no cotidiano familiar.

Objetivos

Neste estudo, procurou-se investigar como ocorrem a divisão de tarefas domésticas e o compartilhamento parental entre membros de casais de aeronautas¹ e examinar se, em tal população, apresentar-se-ia um acirramento das desigualdades de gênero. Até o presente momento, parece que essa parcela da população brasileira não foi contemplada com esse tipo de pesquisa. Nesse sentido, detectar elementos novos ou corroborar dados existentes em pesquisas similares se tornou um dos propósitos deste trabalho.

A atividade profissional dos aeronautas é caracterizada pelos horários de trabalho fora do padrão e que atendem a uma demanda típica da Pós-

¹ Categoria profissional que inclui comissários e pilotos da aviação comercial, entre outros.

modernidade: um serviço que opera em sistema de 24 horas. Por conta desse fator, o contexto laboral dessas pessoas, que é desempenhado em turnos alternantes, é considerado bastante peculiar. De acordo com Presser (2000), casais em que cada membro trabalha em horários fora do padrão são considerados um grupo raro. A população desta pesquisa se encaixa nesse perfil.

A realização deste estudo se mostrou relevante por trazer à tona a imensa complexidade da vida doméstica, essencial para a manutenção da existência humana. Essa temática está diretamente atrelada à dupla jornada de trabalho feminina, à família, ao casamento e ao cuidado com os filhos. Outro aspecto que se agrega a isso é o fato de esse objeto de estudo estar circunscrito ao cotidiano de um subgrupo ainda não pesquisado e que apresenta uma configuração peculiar: homens casados com mulheres da mesma área profissional, expostos aos mesmos fatores, tais como fadiga de voo, afastamento constante do lar e horários em turnos rotativos e irregulares, que incluem sábados, domingos e feriados. Rediscutir então a questão da desigualdade de gênero em casais com essa configuração profissional constitui-se numa referência a mais no caldeirão de produções científicas sobre o tema.

Metodologia e procedimentos de análise

A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa. O roteiro semiestruturado da entrevista foi construído com base na revisão da literatura do campo de estudos psicossociais de família e casal. Estabeleceram-se quatro categorias de análise: cotidiano, divisão de tarefas domésticas, compartilhamento parental e lazer.

A categoria **cotidiano** se refere a como cada pessoa lida com o dia a dia, tendo em vista o fato de que a atividade profissional que os entrevistados desempenham interfere diretamente no rompimento de uma rotina mais tradicional, em vista dos deslocamentos constantes para outras cidades. Procurou-se observar, então, como cada membro do casal busca organizar a administração do mundo doméstico, levando em consideração os afastamentos do lar e os horários irregulares do trabalho.

Com a categoria **divisão de tarefas domésticas**, buscou-se averiguar como cada membro do casal se relaciona com o mundo doméstico: se há compartilhamento na execução das tarefas domésticas; se há divisão sexual do trabalho; se há queixas sobre uma possível divisão desigual, ou não; o quanto as viagens constantes a trabalho acentuam possíveis desigualdades.

Pela categoria **compartilhamento parental**, procurou-se analisar como se dá a partilha das responsabilidades familiares relacionadas diretamente ao cuidado com os filhos. O quanto e como cada membro do casal se envolve com tudo que diz respeito ao exercício da parentalidade: desde brincar com os filhos, acompanhar seu desenvolvimento na escola e o prolongamento das atividades em casa, o dia a dia das crianças, vida social, consultas médicas, odontológicas, etc. Procurou-se observar também o quanto os horários de trabalho fora do padrão dos casais interferem na relação com os filhos e como são feitos os arranjos para lidar com essa questão.

Com a categoria **lazer**, procurou-se investigar o lugar que o tempo livre ocupa na vida dos casais.

Para avaliação do material obtido por meio das entrevistas, foi procedida a devida análise do conteúdo, como proposto por Bardin (2009).

Participantes

Foram entrevistados⁴ quatro casais, com, no mínimo, três anos de união, de classe média urbana, habitantes da cidade do Rio de Janeiro, de nacionalidades variadas,⁵ entre 35 e 46 anos, com pelo menos um filho (do próprio casal), com, no máximo, 10 anos de idade e atuantes em seus trabalhos. A seleção dos entrevistados se deu por indicação de ex-colegas de trabalho da pesquisadora. Os contatos foram feitos previamente por telefone.

Os casais desta pesquisa trabalham no mesmo contexto profissional e têm carga horária de trabalho similar. Exercem uma atividade profissional que os obriga a lidar não somente com diversas viagens (nacionais ou internacionais) ao longo de cada mês, e o conseqüente afastamento do lar, quanto com a fadiga de voo.⁶

Resultados e discussão

Por causa do espaço disponível, serão listadas aqui apenas algumas falas dos entrevistados consideradas mais significativas dentro do contexto, que auxiliem a dimensionar como ficou a questão da desigualdade de gênero no subgrupo contemplado.

² Os participantes foram entrevistados nos meses de fevereiro e julho de 2009, na cidade do Rio de Janeiro.

³ É um grupo profissional bastante heterogêneo, que costuma congrega pessoas de diversas regiões do Brasil.

⁴ O DIESAT (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho) define fadiga de voo como sendo um quadro clínico que se desenvolve toda vez que o organismo não for capaz de se recuperar completamente devido a um período de repouso inadequado após um voo. Já é considerada, em muitos países, como uma doença profissional, específica desta categoria, com uma prevalência bastante alta.

Categoria cotidiano

Para três das quatro mulheres entrevistadas, o voo nacional intensificava a dupla jornada de trabalho, o que justificou a opção de sair dos voos internacionais para trabalhar apenas na ponte aérea.⁵ Como afirma uma delas: “Porque eu estava ficando muito ausente, as crianças estavam reclamando, até mesmo assim as coisas da casa [...] quem administra a casa normalmente concentra a mulher, ficava corrido pra mim, puxado, cansativo” (Clara,⁶ 42).

Categoria divisão de tarefas domésticas

Uma das entrevistadas, ao se referir ao marido, afirmou enfaticamente que ele “ajuda em tudo”; no entanto, quando exemplificou, ficou claro que a ajuda dele era mais relacionada ao cuidado com os filhos, já que, em outras áreas, como a ida ao supermercado, por exemplo, haveria uma pseudoigualdade:

É, supermercado, normalmente eu; ele, o grosso (o principal das compras), quando a gente vai no supermercado grande, a gente vai junto, então a gente, pra variar, a mulher que vai tomando a frente. É, esse negócio de compra, eu que sei quanto que tem de dinheiro, eu que sei o que tá faltando em casa, o que que precisa (Susi, 45) (grifo nosso).

Susi acaba por reforçar um lugar estereotipado da mulher, que tem mais iniciativa, poderio e controle na área doméstica. No seu discurso, fica clara a concepção da entrevistada de que são as mulheres que têm maior desenvoltura e domínio sobre os assuntos da casa.

Na mesma direção, outra entrevistada justificou sua responsabilidade maior pelas tarefas domésticas por dois fatores: primeiro, ela gostar de fazer tudo e segundo, não só deixar o marido dedicar-se aos estudos preparatórios para um concurso de piloto como fazer tudo para que ele possa dedicar-se a esse projeto integralmente. Esse discurso feminino parece circunscrever o papel do homem ao do provedor principal, maior responsável pela melhora do padrão familiar, sendo, portanto, a carreira dele a que merece incentivos por parte do casal. Esse caso se assemelha ao que na literatura sobre casais é chamado de *two person career couples*, que significa o investimento de duas pessoas numa carreira única. Conforme aponta Diniz (1999, p. 33), nesses casos, a mulher “trabalha” para proporcionar o avanço da carreira do esposo. Outra situação parcialmente semelhante é vivida pela entrevistada cujo marido, além de ser piloto, é também advogado. Essa mulher entende que seu marido trabalha

⁵ Sistema de voos Rio-São Paulo.

⁶ Os nomes dos entrevistados são fictícios.

mais pela família do que para ele próprio, fato no qual ela apoia seu discurso, para explicar a distribuição tradicional de tarefas entre eles:

Ele está fazendo uma coisa que é pra nós, ele trabalha mais não é só porque ele tá a fim, ele gostaria muito de, na folga dele, curtir a folga conosco, ele trabalha mais pra nós, então a única coisa que eu reclamo do Marcelo é a falta de iniciativa (Clara, 42).

Observou-se que alguns homens se colocam mais distantes das atividades domésticas e atribuem esse afastamento à falta de tempo e ou à esposa que não delega tarefas, ou ao cansaço engendrado pelas atividades diurnas; quando se envolvem mais, o fazem de acordo com as solicitações, ou determinações da esposa ou lidam apenas com o cuidado dos filhos: nenhum deles revelou ter tarefas que sejam especificamente de sua responsabilidade. Fazer consertos ou chamar alguém para fazê-lo, ir a reuniões de condomínio, pagar contas, levar o carro para oficina, cuidar do jardim, levar ou buscar os filhos na escola são algumas das atividades mencionadas por eles e ou por suas esposas. Nenhum manifestou ter contato com atividades tradicionalmente consideradas mais femininas, como lavar e passar.

O mais jovem dos entrevistados, de 35 anos, atesta que sua tentativa de ajudar esbarra não somente na sua falta de tempo, mas também na resistência da esposa, que se recusa a dividir as tarefas com ele:

O que eu posso ajudar, fala aí o que eu posso fazer, que você vai fazer, diz a outra coisa que eu faço. Ela não gosta muito, ela quer fazer tudo, ela tem muito perfeccionismo, né? Então, ela quer fazer, ela quer tomar a frente, ela não gosta muito de dividir as funções, não, nesse fato de cuidar da casa, né? Acho que ela pensa que ela é a mulher, ela que tem que cuidar da casa, não sei se é exatamente isso, mas acho que é por aí mesmo (Téo, 35).

As respostas de dois homens sobre a divisão de tarefas domésticas evidenciam sua noção sobre o excesso de dedicação das esposas nas tarefas de casa e com a preocupação com os filhos. Um participante se mostra confiante na empregada e revela a diferença de comportamento da esposa: “*Quem fica mais estressada é a Clara, até porque essa parte doméstica quem cuida mais é ela, é natural que ela fique. Ela faz até demais. Precisaria relaxar mais um pouco*” (Marcelo, 43).

Por outro lado, não há nenhuma intenção, nem sequer velada, em sua resposta, de incorporar a seu repertório alguma atividade doméstica. Esse mesmo participante revelou que, sobre cozinhar, “*Eu não faço, nunca fiz,*

não tem jeito. Ah, você se recusa? (ele próprio se pergunta e se responde) Não é recusar, não faço, não tem jeito.”

Em suma, nessa categoria, todas as respostas, tanto masculinas quanto femininas, foram unânimes na tendência de atribuir à mulher o controle (e a responsabilidade) das tarefas domésticas. Além disso, um fenômeno curioso ocorre: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de apoio. Entendem que auxiliares, empregadas ou parentes do sexo feminino estão ali para livrá-los de tais atividades.

Categoria compartilhamento parental

Embora alguns dos participantes acompanhem a esposa e os filhos ao médico, deixaram claro que a prioridade é delas. Isso é consonante com o que indica a literatura. Como afirma Jablonski (1999), das principais diferenças entre pais e mães está o fato de que os primeiros interagem com os filhos numa base mais física e menos íntima, com ênfase nos jogos e no humor, enquanto as mães mantêm com os filhos uma relação centrada na proteção, na afetividade e, comparativamente, mais séria e objetiva.

Outro entrevistado apresentou uma visão controversa sobre o seu papel de pai ao afirmar: “*Quando eu tô em casa, eu viro mãe também*”. Ele se referiu aos cuidados oferecidos ao filho de 5 anos, tais como dar mamadeira, buscar na creche, dar um lanche ou banho. Na fala desse participante, “paternagem” e maternidade se confundem, quando, na verdade, são termos distintos. O que ele faz pelo filho é algo que cabe tanto à mãe quanto ao pai e pode ser denominado de “paternagem”. A maternidade é exclusiva da mãe, pois está atrelada ao sexo biológico e sua especificidade: gestar e amamentar. A “maternagem”, no caso da mãe, ou a “paternagem”, no caso do pai, cabe a ambos. A concepção de “paternagem” (Silva, 2005) é entendida como um processo social de vivência da paternidade por meio da construção de laços afetivos e envolveria, ainda, a participação mais efetiva dos homens no cotidiano familiar, particularmente no cuidado com as crianças, dinamizando as relações de gênero de forma mais equitativa. Para o autor, dessa forma, seria possível ocorrer uma ampliação dos repertórios relativos às atribuições masculinas e femininas.

Em suma, o que os participantes enfatizaram aqui foi uma tradicional divisão de tarefas no trato com os filhos, com os homens priorizando momentos de lazer ou deixando de efetivar cuidados quando alguma mulher está presente.

Categoria lazer

Uma das participantes revelou não usufruir um tempo para si:

Eu quase não faço nada pra mim mesma, assim. É, eu vivo em função da casa e dos filhos, o tempo disponível que eu tenho, mas não sou muito assim, não me incomoda muito assim... apesar de eu, no futur... (a palavra não foi completada), no passado eu gostava muito de me exercitar, fazer coisas pra mim. Hoje em dia, não ligo mais, apesar de que eu acho que eu deveria, até pela saúde (Clara, 42).

Esta fala é ilustrativa do que afirma Oliveira (2003) sobre o fato de que a mulher que tem família tem pouca chance de ficar sozinha, pois seu tempo é estilhaçado em devoções, com pouco tempo de sobra para si mesma.

A exemplo de pesquisa anterior (Jablonski, 2010), em que os homens relataram dispor de mais tempo para estar com amigos, sem a esposa e os filhos, aqui também somente um dos participantes homens pareceu reservar tempo para uma atividade particular, no caso, o futebol. Os demais dedicam seu tempo livre para os filhos, para atividades profissionais (no caso dos que têm duas atividades) ou para atividades em família. Nesse ponto, é curioso observar que as renúncias que levam a uma diminuição sensível do tempo para a vivência da conjugalidade ou para si são vistas com bastante conformidade, sem questionamentos ou críticas.

Considerações finais

Foi observada, no discurso dos entrevistados, a convivência entre a modernidade e o conservadorismo das percepções e práticas na divisão das responsabilidades e tarefas domésticas. Essa mescla de ideologias presente nos comportamentos dos casais de aeronautas é consonante com o que se encontrou na literatura em relação a casais de outras categorias profissionais. As seguintes questões-chave permearam este trabalho: como as relações de gênero (nesse subgrupo) interferem na dinâmica da conjugalidade e no exercício da parentalidade? Em que medida o contexto peculiar das atividades desses profissionais influencia as práticas e as percepções acerca dessas dinâmicas? Qual o lugar reservado à mulher nessa conciliação da vida doméstica com o trabalho? Qual o envolvimento dos homens com o mundo doméstico e o cuidado com os filhos?

Embora essas aeronautas trabalhem no mesmo contexto profissional e com carga horária de trabalho similar a de seus maridos, três delas se envolvem mais com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, despendendo

nitidamente mais tempo com essas atividades do que eles. No entanto, somente uma das mulheres se queixou, apontando a falta de iniciativa do marido. Em linhas gerais, nenhum dos entrevistados pareceu perceber a questão da divisão dos trabalhos domésticos como um problema. Todas as respostas, tanto masculinas quanto femininas, foram unânimes em relação a um aspecto: são *elas* as principais responsáveis por levar os filhos ao médico.

Um dos homens se mostrou até bastante envolvido com as lidas domésticas, pois, desde quando morava com sua família de origem, participava em casa; no entanto, assim como os demais, posiciona-se como coadjuvante nessa parceria. Todos eles se dedicam mais aos filhos do que aos afazeres domésticos: um dos participantes se dedica mais ao brincar e fazer pesquisas no computador com eles, e dois se envolvem bastante com os cuidados gerais; o mais jovem, que está com bebê, só cuida inteiramente deste quando as mulheres (esposa ou a sogra) estão ausentes. A vida conjugal de todos os casais desta pesquisa é deixada em segundo plano em prol dos filhos.

Não pareceu ocorrer entre os casais uma negociação que pudesse ser considerada fruto de diálogos a respeito dos compartilhamentos domésticos e o cuidado com os filhos. Os arranjos pretendem ser “espontâneos” e não burocratizados, o que leva a crer que suas estratégias são regidas basicamente pelas ideologias de gênero.

Chamou a atenção o fato de não ter sido levantado um questionamento sequer por parte de nenhum dos cônjuges a respeito dos arranjos estabelecidos pelo casal; ou em relação à empresa, quanto à participação desta no sentido de favorecer a conciliação trabalho/vida familiar. Todos pareceram muito conformados com as renúncias, com o pouco tempo para a vivência da conjugalidade ou para si, com o cotidiano corrido e com as dificuldades impostas pelas conciliações trabalho e família.

Cabe assinalar que este trabalho de turnos alternantes desorganiza o cotidiano dos casais, que buscam soluções tradicionais e individualizadas para equacionar o problema: por exemplo, três mulheres participantes da entrevista optaram por trabalhar na ponte aérea para, com isso, assegurar sua presença diária com os filhos; dos quatro homens entrevistados, um optou pelo mesmo sistema e pelo mesmo motivo. Se, por um lado, essa opção promove a aproximação com os filhos, por outro reduz o salário do trabalhador, além de eliminar o benefício das viagens que os voos nacionais ou internacionais promovem.

Um fenômeno curioso acontece: os homens se sentem desobrigados a prestar ajuda quando entra em cena alguma das integrantes da rede de

apoio. As mulheres, por sua vez, alternam seu posicionamento na casa: ora são coordenadoras, ora são auxiliares ou ainda substitutas das empregadas, conciliando suas folgas com as destas.

O casamento e os filhos não são impedimentos para o exercício do trabalho remunerado para nenhum dos integrantes das díades. São, na verdade, complicadores de maior peso para as mulheres e são elas que fazem movimentos concretos para efetivar mudanças conciliatórias entre a vida profissional e familiar. A postura dessas mulheres contribui, em grande medida, para a permanência da associação existente entre a função de cuidar da casa e dos filhos com a de um papel prioritariamente feminino

Não é propósito deste trabalho afirmar que a equação da problemática vivida pelos casais participantes da pesquisa caiba somente a eles resolver. Pelo contrário: é preciso chamar a atenção para a parte que cabe às políticas sociais e ao fato de que todos podem ser agentes no processo de transformação (a empresa, inclusive, no caso desses profissionais). Como afirma Badinter (2005), as creches suplementares e melhores possibilidades de cuidado com os filhos no domicílio contribuem mais para a igualdade entre os sexos do que todos os discursos sobre a paridade, incluindo aqui a licença-paternidade. Esta última, segundo a autora, marca simbolicamente o fato de que a conciliação entre vida profissional e vida familiar não diz respeito unicamente à mãe. No Brasil, a licença-paternidade de apenas cinco dias talvez transmita a mensagem de que essa conciliação diz respeito *essencialmente* à mãe. Cinco dias são “suficientes” para que um marido traga sua esposa do hospital para casa e corra imediatamente para o mundo do trabalho, o seu “devido lugar”. A aprovação do projeto de lei que amplia essa licença para quinze dias melhora, mas não modifica muito essa realidade.

Outro aspecto que se procurou registrar aqui foi o da adesão visceral das mulheres ao seu papel social de dona de casa e de como essa figura é uma forte referência que ainda persiste no imaginário social. Com base nisso, passou-se a pensar que talvez seja um momento de se buscarem novas referências e redesenhar o cenário atual, favorecendo um distanciamento entre a mulher e o papel historicamente construído de dona de casa, para permitir, assim, descolá-lo da identidade feminina. Mulheres *descoladas* poderiam se constituir numa nova referência e proposta de postura pós-moderna, sem desvalorizar o que foi construído historicamente, e transmitido através de gerações, mas propondo um maior (e genuíno) desengajamento do mundo doméstico. Em suma: dessexualizar as competências domésticas, promovendo, dessa forma, a indiferenciação dos papéis nessa área específica. Uma possibilidade que, se acredita, possa abrir espaço para a melhoria da qualidade conjugal; para o

exercício de um compartilhamento parental mais democrático; e um aumento acentuado nas chances de ascensão na carreira profissional para as mulheres que assim o desejarem.

Simone de Beauvoir (1995) já dizia que só um trabalho autônomo poderia assegurar à mulher uma autonomia autêntica e, embora apostasse no benefício libertador que o trabalho traria às mulheres, já sabia que este não seria suficiente. A autora reconhecia o peso das prescrições culturais e das normas sociais, da dependência interiorizada das mulheres e da dificuldade destas de se apoiarem em si mesmas.

Hoje as ideologias de gênero tradicionais e igualitárias se mesclam e, em dosagens diferentes, regem os comportamentos de homens, mulheres e sociedades. Durante o desenvolvimento deste estudo, foi possível observar a força dessas ideologias arraigadas no subgrupo entrevistado. A presença de homens e mulheres trabalhando lado a lado nos mais diversos setores produtivos não eliminou as desigualdades existentes entre os sexos, principalmente na vida privada, mesmo com a saída das mulheres para a vida pública. O cenário apresenta mulheres sobrecarregadas com a conciliação do triângulo trabalho-família-casa e que perdem um bem precioso e irrecuperável que é o tempo (Mattingly & Sayer, 2006; Rönka & Korvela, 2009). Restou a impressão, diante dos relatos das mulheres entrevistadas, de que elas conquistaram um trabalho, mas não uma autonomia.

Defende-se aqui a ideia de que, enquanto homens e mulheres estiverem pouco conscientes a respeito das ideologias de gênero que regem seus comportamentos, o prato da balança continuará desequilibrado, pesando mais para um dos lados: seja com mulheres sobrecarregadas ou com homens trocando de papéis com estas e, assim, colaborando para a manutenção da dupla jornada.

A conciliação entre trabalho e família demanda atenção especial por parte de todos os envolvidos: mulheres, homens, pesquisadores, empresários e o Estado. Acredita-se que uma verdadeira aproximação entre o discurso igualitário, herdeiro de posturas mais democráticas, e uma práxis que referende os papéis de gênero contemporâneos favoreça o processo de transformação das sociedades, em especial, o do Brasil. Nessa transformação estaria embutida uma verdadeira compreensão e apoio pelo desejo de realização profissional das mulheres, pelo papel do pai mais envolvido com o mundo familiar, assim como uma intensa revisão das instituições e políticas que atendam às novas necessidades que os papéis de homens e mulheres contemporâneos exigem.

Referências

- Aguirre, R., Saiz, C., Carrasco, C. (2005). *El tiempo, los tiempos, una vara de desigualdad*. Santiago de Chile: Cepal; Unidad Mujer y Desarrollo. (Série Mujer y Desarrollo).
- Araújo, C. & Scalón, M. C. (2005). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV; FAPERJ.
- Araújo, M. de F. (2009). Gênero e família na construção de relações democráticas. In: Féres-Carneiro, T. (org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. (pp. 9-23). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Badinter, E. (2005). *Rumo equivocado: o feminismo e alguns destinos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. (ed. rev. e aum.). Lisboa: Ed. 70.
- Beauvoir, S. de. (1995). *O Segundo sexo*. São Paulo: Círculo do livro.
- Bianchi, S., Robinson, J. & Milkie, M. (2006). *Changing rhythms of American family life*. New York: Russel Sage Foundation.
- Coltrane, S. (2001). Research on household labor: modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. In: Milardo, R. *Into the new millennium: a decade in review*. (pp. 1208-1233). Minneapolis, MN: National Council on Family Relations NCFR.
- Cooke, L. P. & Baxter, J. (2010). “Families” in international context; comparing institutional effects across western societies. *Journal of Marriage and the Family*, 72 (3), 516-536.
- DIESAT (Departamento Intersindical de Estudos e Pesquisas de Saúde e dos Ambientes de Trabalho). *Aeronautas condições de trabalho e saúde*. São Paulo: DIESAT, 1995.
- Diniz, G. R. S. (1999). Homens e mulheres frente à interação casamento-trabalho: aspectos da realidade brasileira. In: Féres-Carneiro, T. (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. (pp. 31-54). Rio de Janeiro: NAU.
- IBGE. (2005). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade. In:

Féres-Carneiro, T. (org.). *Casal e família: entre a tradição e a transformação*. Rio de Janeiro: NAU.

Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Revista Ciência e Profissão*, 30 (2), 262-275.

Mattingly, M. J. & Sayer, L. C. (2006). Under pressure: gender differences in the relationship between free time and feeling rushed. *Journal of Marriage and Family*, 68 (1), 205-221.

Oliveira, R. D. de. (2003). *Reengenharia do tempo*. Rio de Janeiro: Rocco.

Presser, H. B. (2000). Nonstandard work schedules and marital instability. *Journal of Marriage and the Family*, 62 (1), 93-110.

Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Família e emprego: conflitos e expectativas de mulheres executivas e de mulheres com um trabalho. In: Féres-Carneiro, T. (org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (pp. 203-228). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rocha-Coutinho, M. L. (2009). De volta ao lar: mulheres que se afastaram de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. In: Féres-Carneiro, T. (org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. (pp. 219-235). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rönka, A. & Korvela, P. (2009). Everyday family life: dimensions, approaches, and current challenges. *Journal of Family Theory & Review*, 1 (2), 87-102.

Silva, M. M. V. A. (2005). *Paternidade e políticas públicas: o papel da extensão na viabilização dos direitos reprodutivos*. In: VIII Congresso Ibero-Americano de Extensão Universitária. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Silva, M. S. da. (2010). *De(s)colar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, PUC Rio de Janeiro.

Singly, F. de. (2007). *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: FGV.

Soares, C. & Saboia, A. L. (2007). *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios de 2001 e 2005*. Rio de Janeiro: IBGE.